

Instalação de vídeo
O Reino
Ana B. y Nuno m. Pereira



Instalação de vídeo

O REINO

Realizadores: Ana B. /Nuno M. Pereira

Duração: 2'36 (vídeo em *loop*)

Formato original: HDV

Ano e país de produção: 2013, Portugal

Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=WJSxMIrnIdg>

Video Link: https://www.youtube.com/watch?v=Su_28nNyZNk

Website: <http://nunomanuelpereira1.wix.com/anab-nunompereira>

"Só não percebo o que é que isso tem a ver com andar aos pássaros.
A liberdade dos pássaros é um insulto para mim. Se eu pudesse
prendia-os a todos em jardins zoológicos.
Havia de ser um jardim zoológico e tanto.
O juiz sorriu. Tens razão, anuiu. Mesmo assim."

Cormac McCarthy

Meridiano de Sangue ou o Crepúsculo Vermelho no Oeste.



Num futuro próximo, a humanidade pode muito bem tornar-se cativa do progresso tecnológico, apesar de todo o maravilhamento permitido pelo fulgor de outras possibilidades, antes escondidas ou impossíveis ao pensamento humano.

A criação humana expandiu-se para além do anteriormente pensado e agora, mais do que nunca, o pioneirismo brutal e físico do corpo humano cede á exploração criativa da mente humana sustentada na evolução tecnológica, cada vez mais rápida e insolente.

A evolução da humanidade tem-se pautado pelo investimento na felicidade, seja ela material ou emocional, rastilho da liberdade individual e social que aprofunda o nosso humanismo ao mesmo tempo que, e inevitavelmente, retoma o animalismo primordial que existe em nós, esse instinto de sobrevivência física perante o real, muito antes de criarmos taxonomias que regem o nosso comportamento social e imaginário cultural. Depois de séculos e séculos de civilização, o comportamento humano está ainda enraizado em rituais ancestrais. *O Reino* é também uma alegoria do comportamento humano na sua complexidade relacional com a natureza selvagem e indomada e os pássaros, bichos com uma existência mais do que milenar, são uma metonímia da necessidade humana de comportamentos e gestos repetitivos na sua relação paradoxal com o real. É na repetição que se protege a vida e se encontra a inspiração para outras possibilidades de liberdade.

Ora, na sua longa caminhada pela conquista da natureza, o Homem fortaleceu-se, mas também semeou as perigosas sementes da sua extinção.

O reino animal selvagem existe para além da polis humana organizada, mas a ganância e o deslumbre pelo indomável, por um lado, e a necessidade de construção de um mundo organizado à escala humana, por outro, veio recentrar a valoração do instintivo sobre o racional, ou, dito de outra forma, o animal selvagem escondido em cada homem civilizado, é também o animal domado por séculos e séculos de socialização e aculturação, mas não resignado, o bicho na busca incessante da liberdade. Certo, domado o seu instinto selvagem, o Homem aprendeu também a refletir sobre a sua condição e almejou uma liberdade, política, social e intelectual, mas, onde o animal não seria livre.¹ Mas esta liberdade pensada não pode ser criativa, cuja função não é a de

¹ Wittgenstein, Ludwig. *Culture and Value*. Ed. And trans. Peter Winch. Chicago University Press, 1984.

reprodução ou de imitação. Como apontou Agamben,² há que deixar o animalesco saltar de dentro do humano para se manifestar sem medo. Esse animal que se manifesta nos gestos mais básicos e repetitivos necessários à sobrevivência é também aquele que cansa o humano, envolve-lhe a existência de tédio. Para lidar com o tédio, o corpo abrir-se-á à exploração de outros mundos, libertará a imaginação para criar. O tédio, enquanto sentimento central da nossa existência, não deve ser ignorado ou rejeitado, porque é aquele momento importante em que estamos à espera. Aparentemente nada de relevante está a acontecer à superfície, mas em profundidade, num outro tempo escondido dos dias que passam, podemos vislumbrar e explorar o que acontece para além desse nada-relevante. Porque o tédio, sentimento que também nos desumaniza pela sua impressão de vida-vazia e sem sentido, reencontra na animalidade a sua salvação. A nossa humanidade está, portanto, aberta à proximidade do animal.

O Homem, sempre no limiar de uma categorização, de uma identidade, convive com esta duplicidade, rejeita-a e aceita-a ao mesmo tempo, cria e recria um imaginário onde se projeta e se inspira.

Pode não ser uma criação política, pode ser um reino dos domínios ficcionais, nunca visto ou encontrado no mundo real, mas que existe e é poderoso. É a potência do falso³, como defendeu Deleuze que, graças ao surgimento da tecnologia digital vai ganhando terreno ao real. É a floresta, aqui e agora, um mundo híbrido de imaginação, repleto de novas possibilidades de vida. E como discernir toda esta verdade criada pelo artista num tempo de voragem tecnológica?

É o humanismo a dilatar-se também na tecnologia envolvente, cada vez mais intrínseca ao pensamento e à ação humana, quer como uma prótese incorporada, quer como expansor da imaginação. A máquina, cada vez mais omnipresente, fascina e assusta e, tal como um animal, pode, de um momento para o outro, tornar-se imprevisível, fascinante e assustadora, enfim, capaz de enfrentar e afirmar-se perante a condição humana.

Num tempo de grande debate ético sobre o poder de destruição do ser humano, nomeadamente a sua responsabilidade na extinção de outras espécies animais, parece

²Agamben, Giorgio. *O Aberto. O homem e o Animal*. Edições 70, 2013.

³Deleuze, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rés- Editora. Porto, 2001.

haver um retorno ao animal, às espécies em desaparecimento e ao bicho adormecido dentro de nós.

A arte, enquanto processo de produção do humanismo, retoma esta questão e complementa-a: a materialidade da arte concentra as ruminções antropológicas e filosóficas, e é capaz de refletir sobre as suas limitações e capacidades, sobre as fronteiras entre o real e o imaginário. Nesse sentido, *O Reino* existe para além do seu caráter alegórico para se constituir também como uma produção metacinemática. O vídeo foi construído como um *tableau* onde as complexidades inerentes à imagem relacionam movimento e narrativa como elementos disjuntivos, mas complementares na construção da arte fílmica. Já há muito tempo que a temporalidade narrativa passou a ser um elemento fugaz, mas a representação sincrónica de várias narrativas temporais diferentes, todas visíveis ao espectador criando a ilusão de uma unidade de ação e de tempo, recua a Meliès e às multicamadas no mesmo plano, mas aqui sem cortes, esgotando a continuidade temporal e valorizando o fragmento-movimento como parte independente, mas também essencial na composição sobre o espaço estático. A fusão de várias ações a acontecerem todas ao mesmo tempo no plano sem princípio ou fim. A perceção deixa de ser feita no plano da horizontalidade para passar a ser feita na verticalidade. As diferentes escalas de tamanho redistribuem o espaço ficcional de forma diferente e a materialização do movimento reforça o poder do falso na construção do pensamento criativo, como advogou Deleuze. O autor defendeu que a oposição entre o mundo verdadeiro e o mundo da aparência é de origem moral, valorizando o primeiro em detrimento do segundo. O artista tem como objetivo o movimento, a transformação do pensamento imóvel e dominante. As imagens em movimento são, para Deleuze, a arte da falsificação por excelência, a arte da diferença. As imagens cristalinas compõem-se de transformação e composição, movimento e *stasis*, real e imaginário, atual e virtual. Sem tempo cronológico, a verdade desmorona-se⁴ e o poder do falso torna-se extraordinário.

⁴ Deleuze, Gilles e Guattari, Felix. *Mille Plateaux. Capitalisme et Schizophrenie*. Les Éditions de Minuit: Collection Critique, 1998

Instalação de vídeo
O Reino
Ana B. y Nuno m. Pereira



REVISTA LATINOAMERICANA de
ESTUDIOS CRITICOS ANIMALES



EXIBIÇÕES:

Videoakt Biennale, Barcelona, Junho 2013, Espanha.

Guimarães NocNoc 3, Guimarães, Outubro 2013, Portugal.

Digital Big Screen, Trbovlje Outubro 2013, Eslovénia.

Vencedor do 3º prémio.

Visions of Paradise, Electric Palace, Hastings, programa curadorado por Toby Tatum,
December 2013, England.

Fonlad Festival, Coimbra, Maio 2014, Portugal.

Miden Festival, Kalamata, programa curadorado por José Vieira, Julho 2014, Grécia.

Analogue Eye, Videoart Africa, National Arts Festival, Julho 2014, Africa do Sul.

Without Words Film Festival, Metz, Novembro 2014, France.

Genius Loci Weimar, Abril-Maio 2015, Alemanha.

Programa de curadoria “Alienated Ecologies/Multiple Ecologies by VideoBabel
Audiovisual Festival Cusco/Peru, CologneOFF X - 10th Cologne International
Videoart – The Carnival of E-Creativity (CeC) Maio 2015, India.

Programa de curadoria “Terra Firma/Terra Nova: Origins, Place and Space”, by Brent
Meistre, Wiener Festwochen, Vienna, Junho 2015, Austria.

Trailer Gallery Tour, July-Agosto 2015, Suécia.

Festival International Videoarte NodoCCs, Caracas, Agosto 2015, Venezuela.

Codec-Festival de Video e Creaciones Sonoras, Cidade do Mexico, Outubro 2015,
México.

Instalação de vídeo
O Reino
Ana B. y Nuno m. Pereira



The Wrong- New Digital Biennale, pavilhão curadorado por Julia Borges Araña and Guilherme Brandão, Outubro 2015-January 2016.

Video Guerrilha, programa curadorado por Miguel Petchkovsky, Campinas, São Paulo, Novembro 2015, Brasil.

List Í Ljósi Festival, Seyðisfjörður, Fevereiro 2016, Islândia.

Incinerati3n Festival, Programa curadorado por julio juste, Fundaci3n Euroarabe de altos Estudios, Granada, Abril 2016, Espanha.

Static, *Photography/Videoart exhibition*, Green Lens Studios, Londres, Junho 2016, Reino Unido.